

## Gerd Kohlhepp:

*"Industriegeographie des nordöstlichen Santa Catarina (Südbrasilien) Ein Beitrag zur Geographie eines deutschbrasilianischen Siedlungsgebietes". Heidelberg — Geographische Arbeiten, vol. 21, 402 pp. + 31 mapas + 2 figs. + 11 ests. + 15 tabs. + bibl. + resumos em ingl. e port. Geogr. Inst. Univ. Heidelberg, 1968.*

Infelizmente, o alemão ainda é uma língua hermética nos meios científicos brasileiros. No campo particular da Geografia, êsse fato é deveras lamentável, porque a bibliografia sôbre a Geografia brasileira no citado idioma é imensa e do mais alto teor.

Em 1968, a literatura científica do ramo foi enriquecida com a tese de doutoramento do jovem geógrafo G. KOHLHEPP — "Geografia da Indústria do Nordeste de Santa Catarina (Sul do Brasil). Contribuição à geografia de uma região de povoamento teuto-brasileiro". Com justiça, êsse deve ser considerado o melhor estudo de Geografia das Indústrias já efetuado no Brasil. Em primeiro lugar, a área objeto da pesquisa não foi a de uma única cidade, o que permitiria entrar em minúcias mais finais, perdendo no entanto significado para o conjunto do país; nem foi tampouco tôda a constelação industrial brasileira, síntese necessariamente superficial, em vista da falta de monografias geográficas de pormenor. Da nossa escassa literatura de Geografia Industrial, talvez mereçam referência apenas os trabalhos pioneiros de A. MAMIGONIAN, sôbre Brusque e Blumenau e o de P. P. GEIGER, sôbre o Brasil Sudeste, que, sem desdouro algum para o valor dos mesmos, são exemplos da alternativa acima apontada.

Após uma breve descrição geral do quadro físico, KOHLHEPP apresenta um capítulo, intitulado "As fases do desenvolvimento industrial", relacionando essa evolução com a história da emigração alemã para o NE catarinense. Nesse ponto, o livro dá informes minuciosos de grande valia sôbre a qualificação profissional dos emigrantes em diferentes levas e sôbre o impacto negativo das guerras em relação à corrente migratória, tanto no Brasil (Guerra do Paraguai, em 1865/70), como na Alemanha: Guerras prussiano-dinamarquesa (1863/64), prussiano-austriaca (1866) e franco-prussiana (1870/71). Evidentemente as relações entre êsses fatos históricos são familiares a um pesquisador alemão, como também êle não comete a ingenuidade de comparar a indústria do Nordeste catarinense à do conjunto da Alemanha daquela época, mas apenas ao nível industrial das Mittelgebirge, de onde proveio a maioria dos colonos.

Os profundos reflexos da 1.<sup>a</sup> e da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial sôbre a industrialização do NE de Santa Catarina mereceram tratamento especial (págs. 100-114).

Nesse capítulo, não escapa naturalmente ao autor a contribuição do "know-how" dos imigrantes alemães, assim como suas qualidades inatas de iniciativa, disciplina e organização. A contribuição das personalidades dos empresários — difícil aliás de explicar — mereceu igual tratamento.

No tocante ao conhecimento técnico, distinguiu aquêles que o trouxeram da Alemanha — discriminando inclusive de que parte dêsse país, dos que adquiriram tal conhecimento em outros lugares (Estados Unidos, São Paulo) e ainda daqueles que aperfeiçoaram, mais tarde, suas qualificações técnicas em diferentes regiões da Alemanha.

no conjunto do Estado. No complexo industrial brasileiro, se, pelo valor, a região estudada desce a um plano secundário, pela produção de determinadas mercadorias especializadas a região em causa guarda uma condição de monopólio ou quase monopólio, ou pelo menos de considerável importância. A fábrica de Móveis Cimo (de Zipperer, Rio Negrinho) e a fábrica de gaitas Hering, de Blumenau, são as maiores dos respectivos ramos na América do Sul; em Timbó fabrica-se pasta de papel para jornais; em Rio do Sul, pedais de bicicleta; no alto Itajaí, óleo de sassafrás; em Rio do Testo, porcelana fina; em Joinville, produtos metalúrgicos e moldes para queijos, etc.

Curiosamente, ligado como está por sua origem étnica o Nordeste de Santa Catarina à Alemanha, é paradoxal que, sendo o Brasil o país de mais altos investimentos germânicos no exterior, não coube à região em causa a mínima parcela desses investimentos.

O Nordeste catarinense teve sua evolução industrial a partir de um artesanato. Nesse sentido, ele é quase uma exceção no Brasil, onde a maioria das implantações industriais se fez, quer por iniciativa privada, quer por medidas oficiais, num meio social completamente estranho e atrasado. Por isso mesmo, aquelas indústrias conservam estreitas relações com as áreas rurais vizinhas, e a história do progresso industrial reflete a própria história da colonização.

É também pela mesma razão que se torna mais fácil estudar as indústrias do NE catarinense com um sentido geográfico, visto que elas estão intimamente vinculadas à paisagem. Neste aspecto, a tese de KOHLHEPP é um modelo de monografia. Dela poderão também os administradores e políticos colher orientações de caráter prático. Rico em mão-de-obra especializada, como é o Nordeste catarinense, poderia tornar-se ele uma região de aperfeiçoamento para jovens estudantes e diplomados de cursos industriais de nível médio, de todo o Brasil, por meio de bolsas de estudo ou estágio remunerado.

No campo das ciências geográficas, poucas regiões de nosso país têm tanto interesse para o treinamento de estudantes e jovens geógrafos, em Geografia Econômica.

Outra dedução se tira do trabalho de G. KOHLHEPP. A integração econômica da região com o resto do Brasil está feita; a integração étnica e social fatalmente a seguirá. Essa vinculação econômica se fez, felizmente, sem que os colonos de origem alemã decaíssem em seus padrões culturais. Os produtos de boa qualidade que eles exportam encontram mercado amplo no Brasil e até no exterior. A ligação rodoviária deu acesso rápido das mercadorias produzidas no NE catarinense às grandes praças do Brasil Sudeste, e vice-versa. Enquanto isso, as precipitadas "campanhas de nacionalização", promovidas durante as duas guerras mundiais, resultaram em falência e ressentimentos. Mais uma vez se comprova que não é com medidas policiais que se resolvem problemas sociais. Não se discute aqui se, na época, essas medidas foram necessárias ou não.

Retornando porém, ao tema deste comentário, vale a pena frisar que cada importante unidade da tese é precedida de uma discussão metodológica, fundamentando o que vai ser exposto adiante, como que marcando o rumo da pesquisa.

Acompanhando o elevado nível de erudicação do trabalho, os mapas e gráficos se notabilizam pela clareza e valor ilustrativo. Não se caracterizam, entretanto, pelo luxo de uma apresentação em cores; são todos em preto-e-branco.

Com frequência os cartogramas revelam aspectos qualitativos e quantitativos. Não é demais comentar mais alguns.

A carta n.º 7, (pág. 133), por exemplo, mostra a localização das médias e grandes explorações industriais, em 1965. Pela forma dos símbolos, verifica-se o ramo de indústria; pelo tamanho deles, o número de empregados (segundo classes). Um hachuriado oblíquo indica ainda a extensão máxima da área de influência das pequenas atividades industriais. Esse aspecto das relações cidade-campo tem, assim, expressão gráfica no mesmo mapa, sem prejudicar sua leitura.

O mapa n.º 29 (em encarte) representa os centros industriais do Nordeste de Santa Catarina (ver fig.). Os ramos de atividades são representados por hachuriados, pontos, cruces, ou por meio de letras, no caso de envolverem menos de 2% do número de empregados industriais do município. O raio do círculo é proporcional a esse número de empregados e a abertura de cada setor indica a porcentagem na participação nesse efetivo. Além disso, pontos exprimem o valor da produção industrial, em 1961.

Tão claro é o mapa, que serviria para exercício de leitura de cartas a alunos principiantes de geografia, em curso superior.

Poderá um geógrafo brasileiro fazer obra semelhante ou equivalente, nesse setor da Geografia Regional das Indústrias? Sem dúvida que sim, se bem orientado.

Para esse fim, a tradução da tese de KOHLHEPP seria altamente recomendável. Serviria não apenas ao conhecimento da região, mas sobretudo como paradigma de método. Se o autor voltar ao Brasil para pesquisar e treinar jovens geógrafos, melhor ainda será. Poderá ele prosseguir, no campo da Geografia, a obra de estreitamento das relações culturais entre o Brasil e a Alemanha, que seu mestre, o Prof. G. PFEIFER, em boa hora reencetou.

A despeito do valor científico do livro, sua leitura é fácil e agradável. Com alto senso de humor, WAIBEL dizia que "o que distingue o sábio do charlatão é que aquele diz coisas difíceis com palavras fáceis, ao passo que este diz coisas fáceis com palavras difíceis". Com esse critério de julgamento, KOHLHEPP é um autêntico homem de ciência.

ORLANDO VALVERDE  
Geógrafo do IBG